

**Sem Limites ao Conhecimento, mas com Limites à  
Pobreza:  
Rumo a uma Sociedade do Conhecimento Sustentável**

**Por ocasião do 30º Aniversário do  
Primeiro Relatório ao Clube de Roma: *Os Limites ao  
Crescimento***

## Introdução

Trinta anos se passaram desde o primeiro relatório validado pelo Clube de Roma – *Os Limites à Pobreza*. Trinta anos depois, os desafios do desenvolvimento sustentável são ainda mais prementes e ainda mais complexos. Os tremendos progressos tecnológicos das décadas recentes têm permitido o crescimento industrial continuado; mas a lacuna entre os ricos e os pobres tem alargado e a pressão sobre os sistemas complexos e delicados de nosso planeta é maior que nunca. Com certeza, não podemos prosseguir nesse caminho de desenvolvimento: ele simplesmente não é sustentável.

A próxima Cúpula Global sobre Desenvolvimento Sustentável (CGDS) em Joanesburgo é uma oportunidade crucial para que líderes políticos, a sociedade civil e a comunidade empresarial pactuem um novo quadro de solidariedade e desenvolvimento para todos os povos do mundo que respeite os limites dos recursos naturais. Os novos desafios se referem à equidade social, à diversidade cultural, à estabilidade econômica, à proteção ecológica e ao uso otimizado dos recursos do planeta. Esta CGDS deve agarrar a oportunidade para uma progressiva implementação de uma cultura global de cooperação e para criar condições para um diálogo sustentável contínuo e mundial dentro das sociedades e entre elas.

Na transição demográfica atual, a população mundial ainda crescerá até chegar a 8 ou 9 bilhões de pessoas por volta de 2050. O ecossistema terrestre, do qual a humanidade é parte indissociável, tem uma capacidade limitada para absorver o impacto das atividades humanas. Mas mesmo no interior da sociedade humana, a pobreza já se encontra além de quaisquer limites decentes. Muitas iniciativas têm sido adotadas nos últimos trinta anos, mas nem de longe são suficientes para mudar esse curso. Nesse meio tempo, a humanidade enfrenta um outro limite: **o limite do tempo**.

É ainda mais difícil a tarefa de se atingir um equilíbrio – um elo de ouro – entre as ambições de crescimento da humanidade, a equidade social e os limites do uso dos recursos. Temos que buscar novas políticas para o uso racional dos recursos naturais e financeiros, baseados na educação, em valores locais e práticas sustentáveis, consistentes com a realidade global, e no acesso ao conhecimento para todos os seres humanos. Temos que construir uma sociedade **sem limites ao conhecimento**.

O Clube de Roma reúne uma combinação ímpar de políticos, empresários e cientistas de reconhecido gabarito. Este relatório se baseia no trabalho preparatório do recém-criado Capítulo de Bruxelas-UE, e tem sido extensamente discutido pelos membros, notadamente numa reunião especial ocorrida em Bruxelas em maio de 2002.

Ele destaca novamente a necessidade de uma abordagem holística para reorientar os desenvolvimentos tecnológico, econômico e social para o benefício de todos os membros da família humana. Recomendo sua leitura.

Príncipe Hassan Bin Talal, Presidente do Clube de Roma

## Sumário

1.	Trinta Anos Mais Perto dos Limites	4
2.	Trinta Anos de Pobreza e Iniquidade	4
3.	Rumo a uma Sociedade do Conhecimento Sustentável	6
4.	Sem Limites à Diversidade e à Criatividade	7
5.	Eficiência e Mecanismos de Direção: uma Resposta aos Limites dos Recursos	7
	5.1 Eficiência dos Recursos	7
	5.2 Mecanismos de Direção	9
6.	Governança num Mundo Finito	9

## 1. Trinta Anos Mais Perto dos Limites

Em 1972, o relatório sobre *Os Limites ao Crescimento* lançou um debate global acerca do futuro da humanidade e do nosso planeta. A ele se seguiu *A Humanidade no Ponto de Inflexão* em 1974, e *Sem Limites ao Aprendizado* em 1978. Em trinta anos, mais de trinta relatórios foram publicados em todos os domínios das relações mundiais, abordando desde governabilidade até pobreza, oceanos como recursos planetários e coesão cultural e social.

Em 1972 a população mundial era de 3,2 bilhões de pessoas. Em 2002, passa de 6 bilhões, e talvez só comece a estabilizar-se por volta da metade deste século. **A Cúpula Global sobre Desenvolvimento Sustentável (CGDS) não apenas terá que rever o progresso e as decepções dos últimos 10 anos, mas agora criar também um ímpeto mais forte em termos de medidas práticas para o progresso real na próxima década.**

**Nosso modelo atual de desenvolvimento não é sustentável.** O ritmo e o tipo atuais de crescimento estão levando à polarização econômica e à degradação ambiental. O paradoxo do crescimento industrial está em que, no afã de criar riqueza bastante para eliminar a pobreza, ele tem aumentado as iniquidades. O crescimento voraz no uso dos recursos naturais está destruindo o ecossistema em que se baseia. Os objetivos de crescimento industrial continuado são incompatíveis com os limites do sistema natural do planeta. Nosso planeta já é muito pequeno para prover os padrões materiais do mundo industrializado para 6 bilhões de pessoas. O uso de recursos em ritmo de crescimento acelerado, as tensões sociais, a iniquidade crescente, a migração econômica e o terrorismo infligem uma crescente carga econômica e ambiental à sociedade mundial. Os 20% mais ricos da população mundial consomem 86% dos recursos naturais, enquanto metade de toda a população vive na pobreza. Somado a isso, a perda da diversidade cultural está aumentando a instabilidade política e econômica.

Como têm mostrado alguns dos cenários de “Limites ao Crescimento”, confirmados em recentes relatórios das Nações Unidas, **o capital natural do meio ambiente e dos recursos naturais está mais ameaçado que nunca pelo continuado crescimento populacional e econômico.**

O modelo socioeconômico e o conceito de crescimento atuais têm que ser profundamente redesenhados. A contínua transição demográfica amplia a necessidade de um compromisso ético global, assim como de um novo modelo socioeconômico.
---

## 2. Os Limites da Pobreza e da Desigualdade

**A sustentabilidade social só poderá ser alcançada pela redução da pobreza, em todo o mundo.** A pobreza é agora uma grande ameaça à estabilidade e um obstáculo ao posterior desenvolvimento social e econômico em toda parte. Ela só pode ser reduzida com uma taxa mais alta de crescimento econômico na maioria do mundo em desenvolvimento, mas com um nível substancialmente mais alto de produtividade dos recursos. Isso exigirá uma nova “ética da solidariedade” na CGDS, **com claras “metas de crescimento” para que os países em desenvolvimento restabeleçam a igualdade social, em parceria com os países desenvolvidos.**

As disparidades crescentes de renda resultam mais da exclusão do âmbito dos mercados globais do que dos efeitos polarizadores dentro deles. **Uma maior integração de mais povos (e países) ao comércio mundial é portanto a mais efetiva, mas ainda insuficiente, medida contra a crescente iniquidade.** A decisão em Doha em novembro de 2001 de promover uma nova rodada de liberalização comercial, com uma parceria para o desenvolvimento e uma participação mais plena de todos deve ser ativamente perseguida. Ainda há muita hipocrisia na política do “Norte”

de pressionar pela abertura de mercados numa economia globalizante enquanto protege seus próprios mercados da competição do “Sul”.

**Tecnologias da informação e da comunicação são duplamente essenciais – para um crescimento mais rápido dos países em desenvolvimento e para o crescimento mais eco-eficiente em toda parte. Reduzir a “segregação digital” deve assim tornar-se uma prioridade mundial.** Sem ação determinada, o crescimento desnivelado da economia do conhecimento em rede fará aumentar a desigualdade, sua visibilidade e suas conseqüências sociais. Jovens frustrados percebem a enorme diferença entre os estilos de vida nos Estados Unidos e na Europa e o seu próprio, sendo a migração para essas regiões ricas sua única alternativa à pobreza continuada.

**É provável que a transição para uma sociedade do conhecimento venha a habilitar mais gente a participar ativamente no trabalho criativo.** Uma infra-estrutura de conhecimento pode fornecer oportunidades para a iniciativa empreendedora e a geração de riqueza locais, sem o que os demais serviços nunca poderiam ser solvíveis ou sustentáveis. **Políticas de desenvolvimento terão então que acelerar e ampliar a oferta de infra-estruturas de comunicações eletrônicas, com acesso universal e solvível, e terão que possibilitar seu uso empresarial, social e cultural.** O arranjo de infra-estruturas tem de ser parte de uma parceria para o desenvolvimento co-financiado.

**A ajuda dos países desenvolvidos para o desenvolvimento terá certamente que ser aumentada.** Achamos bem-vindos os compromissos assumidos em Monterrey, mas é necessário mais que isso: a ajuda tem que ser desencadeada pelo empenho dos doadores, e tornada mais acessível à pequena escala e às iniciativas locais de educação e empreendimento. Ela somente surtirá efeito quando países recipiendários tiverem políticas econômicas e sociais consistentes com o desenvolvimento sustentável, e quando for usada em capacitação: para criar infra-estruturas educacionais e institucionais e para habilitar os povos dos países em desenvolvimento a terem acesso a novos conhecimentos e tecnologias, a assimilá-los e a usá-los. **Sistemas de conhecimento autóctones** também representam um recurso singular dos países em desenvolvimento e terão que ser integrados numa futura sociedade do conhecimento mundialmente conectada.

**O desenvolvimento sustentável é compatível com um aumento do PIB mundial da ordem de 10% por volta de 2050, se o crescimento do PIB for dissociado do uso dos recursos e se a taxa de uso dos recursos críticos for limitada aos níveis de hoje.** Isto poderia permitir taxas de crescimento de 7% a 8% ao ano nos países mais pobres, suficiente para reduzir substancialmente a pobreza e a desigualdade, ao lado de um crescimento de 3% ao ano para a UE e a América do Norte, suficiente para sustentar altos níveis de emprego. Nesse contexto, temos que ir além dos “Objetivos do milênio” até 2015:

- aumentar as taxas de alfabetização de adultos acima de 90%, inclusive a “alfabetização digital”, tanto verbal quanto visual;
- criar uma universidade global baseada em ciência e tecnologia e infra-estrutura de pesquisa que estimule o esforço empreendedor;
- assegurar o acesso a serviços de conhecimento e educação em mais de 90% das comunidades por volta de 2030, para capacitar as pessoas a gerenciarem seus próprios recursos locais;
- desenvolver tecnologias de baixo custo que sejam simples de usar, de aplicação diversa e que reflitam as diferenças culturais e lingüísticas.

A erradicação da pobreza há de ser a mais alta prioridade. Não é aceitável que mais da metade da população do mundo seja privada de alimento e água limpa, habitação e serviços básicos de saúde e saneamento. O acesso à informação, à educação e ao conhecimento deve ser assegurado. A infra-estrutura de comunicação e informação e um maior investimento em educação nas comunidades locais são essenciais para reduzir a ‘segregação digital’ e para a participação na futura sociedade do conhecimento. A ajuda para o desenvolvimento deve focar esses objetivos de longo prazo.

### **3. Rumo a uma Sociedade do Conhecimento Sustentável**

**O desenvolvimento da ciência e da tecnologia é crucial.** O desenvolvimento sustentável somente se tornará uma realidade por meio da inovação e de mecanismos inovadores de distribuição. As tecnologias têm que ser feitas para trabalhar pelo desenvolvimento humano, em todo lugar. Todos precisarão do acesso ao conhecimento e à tecnologia. Temos todos que investir mais em educação e treinamento e na criação e assimilação de conhecimentos novos.

**O surgimento de uma sociedade do conhecimento em rede nos próximos vinte ou trinta anos representa uma grande mudança de paradigma desde o modelo industrial dos séculos dezenove e vinte. Ela pode ser parte da solução de nossos problemas, ou ser parte do problema. É simplista esperar que a dinâmica do desenvolvimento da tecnologia da informação e da comunicação dentro dos mercados globalizantes contribuirá sozinha para a riqueza geral e para reduzir a pobreza. Com as políticas corretas, ela pode fortalecer e integrar bilhões de pessoas, mesmo nos países mais pobres, oferecendo novo acesso à educação, à informação e ao conhecimento até nas mais remotas regiões e ajudando a erradicar a pobreza e a construir comunidades sustentáveis.** Sem eles, ela pode simplesmente contribuir para os enormes investimentos e para o “fardo” ambiental da industrialização centralizada.

À medida que nossas sociedades se tornam mais complexas e independentes, todas as dimensões do desenvolvimento sustentável têm que ser perseguidas em conjunto.

A ciência e a tecnologia devem responder às reais necessidades e ser acessíveis e compartilhadas por todos os povos. A emergência da sociedade do conhecimento é a grande mudança de paradigma para o próximo meio século. Uma metodologia e um enfoque holísticos são imperativos para fortalecer uma construção gradual de sociedades sustentáveis com a constante elevação da qualidade de vida para todos.

#### 4. Sem limites à diversidade e à criatividade

Para evitar uma catastrófica “colisão de civilizações” num mundo multicultural, **tanto a identidade quanto a diversidade cultural terão que ser aceitas como metas legítimas de per si, paralelamente ao respeito pelos direitos humanos fundamentais e pelo reconhecimento de um conjunto comum de valores humanos.** A perda da diversidade cultural aumenta a instabilidade política e econômica.

**Precisamos de sociedades culturalmente diversas, tolerantes e vibrantes em que os indivíduos tenham a oportunidade de participar e praticar ativamente e de buscar e preencher sua necessidade primária de um senso de identidade e um senso de pertinência.** Precisamos de um mundo de “**múltiplas modernidades**”, sem ideologias, mas dentro de comunidades, nas quais diferentes culturas coexistam pacificamente: um mundo de “**comunidades da aprendizagem**” em que nenhuma cultura imponha seus valores às demais, e onde a “**modernidade autóctone**” e o “**aprendizado de uns com outros**” sejam valores absolutos.

A sociedade do conhecimento em rede deve integrar a riqueza do conhecimento nativo, valorizar e integrar um conceito ecocêntrico e antropocêntrico de uma sociedade global sustentável.

**As metas têm que ser estabelecidas:** manter a diversidade de línguas vivas; aumentar a criatividade cultural nativa e independente; aumentar o emprego cultural; reduzir o risco de manipulação e monopolização da informação; e assegurar o acesso de baixo custo a atividades culturais de alta qualidade para todos. Os meios de comunicação têm que ser reconhecidos antes como bens comuns em prol dos objetivos educacionais e culturais, em lugar de tidos como domínio exclusivo de empresas com propósitos comerciais. Acima de tudo, temos que criar uma cultura muito mais de participação que de consumo.

**A especificidade dos serviços culturais dentro do contexto de política comercial precisa ser melhor definida durante as atuais negociações da rodada Doha.** Os serviços culturais, como “serviços” ambientais, têm uma ampla função social. Temos que desenvolver um marco global que reconheça este fato e que ponha a diversidade cultural em paridade com o crescimento econômico, a igualdade social e a saúde ambiental.

A sociedade global do futuro tem que se basear em comunidades locais assentadas em sua herança cultural, que participem da sociedade do conhecimento. O respeito pelos direitos humanos fundamentais, expressos por um conjunto de valores universais, deve ser reconhecido e assumido por todos. A sociedade do conhecimento em rede tem que integrar a riqueza do conhecimento e da prática autóctones. A ‘modernidade nativizante’ é um novo desafio para todos.

#### 5. Eficiência e Mecanismos de Direção: uma Resposta aos Limites dos Recursos

##### 5.1 Eficiência dos recursos

**O capital natural do meio ambiente global está mais ameaçado do que nunca pelo continuado crescimento populacional e o dramático aumento na atividade industrial. Estamos mais perto do que nunca dos limites do crescimento no uso dos recursos.** Em trinta anos, alguns limites permaneceram a salvo do desenvolvimento tecnológico: não estamos atualmente exaurindo alguns recursos minerais e combustíveis fósseis como se temia, **mas o**

**impacto de seu uso sobre o ambiente está se tornando crítico.** O crescimento ainda está estreitamente ligado ao crescimento no uso dos recursos, e agora contribui mais que o próprio crescimento populacional.

Se o crescimento industrial fosse suficiente para erradicar a pobreza nos países em desenvolvimento, o uso dos recursos aumentaria para além dos níveis ambientalmente sustentáveis. Isso arrasaria a capacidade da biosfera com detritos e poluição. **A produção e o consumo têm portanto que se tornar muito mais eficientes. Temos que adotar usos mais racionais dos recursos, com o uso de recursos e ciclos de produção e consumo renováveis nos quais os resíduos sejam reutilizados. Temos ainda que agregar muito mais valor aos recursos de que fazemos uso, ao longo de uma “mudança de bens materiais para serviços”.**

**Em países em desenvolvimento, a ênfase deve mudar da extração de seus recursos naturais para o fortalecimento de seu capital humano, com um conceito de “crescimento” diferente.**

**A demanda por energia** pode ser reduzida consideravelmente nos países industrializados pelo uso mais racional da energia. Nos países em desenvolvimento, o uso racional da energia tem também que ser assegurado com tecnologias simples e apropriadas. Estes talvez devam empregar mão-de-obra intensiva e terão que capacitar as comunidades locais a administrar seu uso da energia.

**O suprimento de energia** deve mudar do “carbono” para fontes renováveis e limpas (reduzindo as emissões que causam o efeito estufa) e para o fornecimento descentralizado onde viável. Esta mudança é possível com desenvolvimentos científicos e tecnológicos plausíveis no futuro. Entretanto, o investimento substancial em pesquisa ainda é necessário. Este tem que ser assegurado pelos países desenvolvidos, mas com os resultados rapidamente disseminados pelo mundo. A produção descentralizada da energia, por pequenas unidades locais, abre novas perspectivas para as populações rurais mundo afora.

**A tecnologia da informação e da comunicação é vital para a produção, a logística, o consumo ambientalmente sustentável e para um mosaico de estilos de vida ambientalmente sustentáveis.** Sem a disponibilidade dessas tecnologias para a vasta maioria da população na sociedade do conhecimento em rede, a sustentabilidade ambiental não será possível. Entretanto, nem tampouco uma sociedade do conhecimento será automaticamente sustentável. Somente as políticas corretas poderão garantir isso.

**A pressão populacional continuará a crescer, porém mais lentamente.** Por volta de 2030, haverá em torno de 8 bilhões de pessoas. Lidamos com grandes desafios quanto à disponibilidade de alimentos e de água limpa, que somente podem ser enfrentados pelo uso inteligente da informação e da biotecnologia, e com ciclos limitados de produção de alimentos a partir de animais, plantas, fungos, algas e bactérias – e sinergias mais eficientes entre eles. O suprimento e a qualidade da água só podem ser assegurados mediante uma melhor gestão.

**Por volta de 2030, a maioria das pessoas viverá nas cidades.** Para tornar isto sustentável e assegurar a fruição de melhor saúde, acesso à educação, intercâmbios de serviços e sociais, precisamos repensar como as instalações e as cidades são utilizadas. As instalações precisam ser projetadas com maior eficiência energética, com a sociedade dependendo menos de automóveis. As cidades têm que ser planejadas e projetadas para minimizar as viagens: **o planejamento do uso da terra tem que encorajar o desenvolvimento compacto, de uso misto, acessível. Precisamos desafiar o paradigma predominante de trabalho realizado em edifícios de escritórios, usualmente distantes de outras funções urbanas e sociais.**

## 5.2 Mecanismos de direção

**Para vencer esses desafios, temos que usar todos os “mecanismos de direção” para implementar corretamente as políticas de desenvolvimento:**

Os **sistemas tributários** tem que desencorajar o uso de recursos, recompensar a iniciativa e a criação de valor, e dar incentivos à substituição de bens materiais por serviços imateriais. **Torna-se necessária uma grande mudança para a taxaço de recursos materiais, energia, terra e meios de transporte.**

Não se pode esperar que as forças de mercado por si sós preservem o “capital natural” do planeta, e que gerem substitutos adequados para os recursos exauríveis. Precisamos utilizar a taxaço para proteger o “patrimônio global”. **Os níveis sustentáveis máximos de uso dos recursos críticos e de poluição têm que ser limitados nos sistemas econômicos globais. Os custos da “externalidade” têm que ser internalizados.** A limitação das emissões causadoras do efeito estufa e o “comércio de emissões” são somente um começo. **O Protocolo de Kioto tem que ser plenamente implementado e, dado o seu caráter preventivo, precisa ser estendido a todas as substâncias antropogênicas que afetam o clima e as correntes oceânicas.**

**Subsídios perversos têm que se dissipar.** O uso de ajuda governamental para propósitos específicos é uma ferramenta legítima de boa governança, mas os enormes subsídios e as medidas de proteção comercial nos setores da agricultura, do carvão e do aço não só prejudicam a dinâmica de mudança nos países industrializados, mas infligem enormes danos aos países em desenvolvimento. Subsídios indiretos ao transporte rodoviário e a ausência de uma taxaço coerente dos combustíveis para a aviação são grandes obstáculos ao desenvolvimento de estilos de vida e práticas de negócios mais eficientes e sustentáveis.

A eficiência do uso dos recursos tem que ser aumentada imediata e dramaticamente. As inovações tecnológicas necessárias estão ao nosso alcance. O desenvolvimento de sistemas para o uso mais racional da energia e para o suprimento de energia renovável tem que se tornar uma prioridade mais elevada. Uma política de suprimento e distribuição de energia descentralizados, como parte de uma política de uso racional da energia, é de importância estratégica para todos os países, notadamente para as áreas mais remotas e para os países em desenvolvimento. Ela pode estimular o empreendimento local e possibilitar o acesso às redes de informação e de educação. A taxaço do uso dos recursos e do meio ambiente tem que ser profundamente modificada. A implementação do Protocolo de Kioto tem que ser buscada, e os subsídios contraproducentes e perversos devem ser eliminados com o mais alto grau de urgência.

## 6. Governança num mundo finito

A governança está no centro de todos os desafios que ora enfrentamos. Para onde quer que olhemos encontramos estruturas políticas cujo desempenho é insuficiente. Isto se aplica especialmente às regiões no mundo caracterizadas pela violência e pela beligerância, onde preciosos recursos culturais, sociais, naturais e de capital humano estão sendo destruídos. Assim, fortalecer regimes globais de administração de conflitos é de crucial importância. O fenômeno da violência terrorista demonstra de novo a necessidade de uma segurança e uma estabilidade comuns em nosso planeta.

**O novo acordo global em Joanesburgo não pode ser uma “troca” entre prosperidade, equidade e meio ambiente.** As políticas de governança têm que ser redesenhadas de tal maneira que todos possam se beneficiar do crescimento. Em Joanesburgo, precisamos de uma parceria

para o desenvolvimento sustentável num novo marco de solidariedade e diversidade cultural, baseado no desenvolvimento tecnológico e na inovação contínuos, com benefícios justos para todos. Precisamos de uma nova **“ética da solidariedade humana”** emergindo em todos os arcabouços de governança globais. Isto exige liderança civil e política, como também responsabilidade. Os governos no “Sul” têm que desencadear as condições indispensáveis a seu desenvolvimento econômico. No “Norte”, a comunidade empresarial e a sociedade civil têm também que contribuir para esse desenvolvimento equitativo.

As instituições globais têm que ser fortalecidas para garantir a estabilidade do sistema econômico mundial e para gerir o “patrimônio global” (atmosfera, oceanos, a Antártida, etc.). Para isso, precisamos de uma rede de políticas públicas global mais forte e mais bem informada e de novos marcos para o co-financiamento do desenvolvimento.

Nosso sistema econômico possibilita à população trabalhadora financiar a educação dos jovens e o amparo aos idosos. **O desenvolvimento sustentável exige, portanto, estabilidade.** Entretanto, a economia em rede global – com novos e fortes enlaçamentos – tem um tremendo potencial para a volatilidade caótica. Impõe-se encontrar novas maneiras de controlar os interesses dominantes, de dissociar os subsistemas, de administrar choques e flutuações e de investir mais em conhecimento e habilidades. Temos que fortalecer a capacidade de resposta do sistema aos choques – seja amortecendo-os ou dispersando-os. **Os governos e os organismos de Bretton Woods têm que ter a estabilidade econômica e o desenvolvimento sustentável como objetivos máximos, e ser induzidos a adotarem ações mais coerentes e sinérgicas.** Têm também que se empenhar numa mensuração do desenvolvimento de base mais ampla que a do PIB apenas.

Temos, além disso, que criar políticas que apoiem “empreendimentos verdes”. **A Responsabilidade Social Corporativa (RSC) tem que ser uma exigência onipresente.** Perto de 2010, os relatórios de tipo *“triple bottom line”* – que incluem o desenvolvimento do capital sob suas formas natural e social, além da financeira – deveriam ser prática normal de todas as empresas conhecidas do grande público. Temos ainda que encontrar os marcos para novas parcerias entre corporações globais e comunidades locais.

**As Nações Unidas deveriam ter um Conselho de Desenvolvimento Sustentável mais forte, de alto escalão,** que possa garantir a coerência de atividades dentro da família de organizações sob sua égide, em parceria entre governos, empresas e sociedade civil. **Além disso, as ações de educação e diversidade cultural têm que ser fortalecidas, com mecanismos de co-financiamento para melhorar drasticamente o grau de alfabetização de jovens e adultos e para prover treinamento de habilidades necessárias à assimilação de progresso científico e tecnológico nos países em desenvolvimento perto de 2030.** Programas de educação e treinamento têm que receber apoio financeiro muito maior nas décadas seguintes.

**Precisamos de uma nova “ética da solidariedade humana” em todos os marcos de governança globais. Instituições globais têm que assegurar a estabilidade do sistema econômico mundial e a gestão efetiva do “Patrimônio Mundial”. Os organismos de Bretton Woods têm que ter a estabilidade econômica e o desenvolvimento sustentável como objetivos máximos, e nos negócios, a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) tem que se tornar uma exigência onipresente. As Nações Unidas deveriam ter um Conselho de Desenvolvimento Sustentável mais forte, de alto escalão, e as ações internacionais em educação e cultura têm que ser fortalecidas. ♦**